

Sistemas editoriais em mutação: alguns tópicos de introdução a uma problemática

Publishing systems in mutation: a few introductory notes on a problematic stance

NUNO MEDEIROS*

PALAVRAS-CHAVE: Mercado do livro, Sistemas editoriais contemporâneos, Análise transnacional, Concentração, Conglomerados, Pequenas editoras.

KEYWORDS: Book market, Contemporary publishing systems, Transnational analysis, Concentration, conglomerates, Small presses.

Escala e construção da análise: transnacionalidade e crítica dos modelos

Reflectir sobre o mundo impresso e, particularmente, sobre a edição de livros é reconhecer neste universo temático uma natureza complexa e rugosa, que se apresenta a um esforço de estudo mais sistemático e profundo como um objecto desafiante, marcado pelas texturas e matizes e, frequentemente, pela contradição. A análise do processo de edificação do universo editorial do livro como construção e como fruto de quadros de circunstâncias conjunturais e estruturais conferentes de características muito variadas tende a ser operada a partir de uma série de atributos radicada em casos alçados a uma condição de paradigma. Estes casos paradigmáticos correspondem normalmente a sistemas editoriais – associados quase sempre a países, apresentados como modelos – que a produção científica sobre o livro e a edição e a sua circulação publicada (dessa produção científica) têm consagrado como exemplos axiais, vistos e enunciados como emblemáticos. A base empírica de análise é maioritariamente e por norma a da escala nacional, com as suas vantagens e inconvenientes.

A este conjunto de países, formado normalmente pelos grandes mercados do livro editado e vendido de origem europeia e norte-americana (correntemente exemplificados pelos casos de França, Reino Unido, Alemanha e Estados Unidos da América, identificados como eixos referenciais inevitáveis), tende a ser outorgado o estatuto de países – ou sistemas editoriais e livreiros – centrais.

* Instituto Politécnico de Lisboa – IPL/H&TRC e Instituto de História Contemporânea da FCSH da Universidade Nova de Lisboa.

Este averbamento de centralidade, ou de centro, corresponde categorialmente a uma posição de domínio no âmbito internacional da esfera impressa, compreendendo esta aos mundos do livro, da sua produção e circulação editorial e da literatura. Neste quadro classificativo a posição central destes sistemas modelares estabelece-se relativamente aos restantes sistemas e mercados do livro, de edição e da literatura, que parecem funcionar como formações periféricas ou periferizadas (algumas abordagens recorrem a cambiantes de qualificação como semi-periferia) mais próximas ou mais distantes do eixo dos países centrais ou sistemas-modelo. Sistemas editoriais como o português integrar-se-iam na categoria de países não centrais ou periféricos ou ainda semi-periféricos, segundo este modelo analítico. O designativo «países do centro» não disfarça uma lógica altamente hierárquica que confere aos sistemas tipográficos excêntricos ao conjunto dos que são posicionados como centrais um papel essencialmente receptor, como se se tratassem de um produto inerte das relações impressas estabelecidas entre regimes de poder e dominação caracterizados pela assimetria no seio do universo global do livro.

Por outro lado, a arena global do livro assim tomada tende a ser analisada e caracterizada como o resultado complexo de campos e mercados editoriais e livreiros observados e interpretados a partir de uma escala nacional. Os múltiplos casos de histórias nacionais do livro e da edição vindos a lume desde a seminal publicação entre 1983 e 1986 da *Histoire de l'Édition Française*, coordenada por Henri-Jean Martin e Roger Chartier, ilustram o sucesso desta via de compreensão do fenómeno editorial (Medeiros, 2010). Apesar dos seus inequívocos méritos para o avanço do conhecimento aprofundado de um universo até muito recentemente largamente ignorado e sujeito a apreciações mistificadoras e alimentadas por sentimentos internalistas interessados, esta tradição merece e tem merecido uma avaliação crítica dos seus fundamentos. Este movimento crítico suporta-se essencialmente numa hermenêutica dos mecanismos de produção, disseminação e uso do livro como realidades rugosas, contraditórias e imbricadas em estruturas geo-sociais, políticas, económicas e históricas dificilmente acantonadas na escala de um país e, portanto, dificilmente inteligíveis somente com base nessa escala.

Na verdade, cada sistema-livro, na expressão de Frédéric Barbier (2001), é um produto configuracional e concreto de inserção contingente em redes de diversa compleição e densidade através das quais se materializa a circulação dos objectos impressos e das ideias, circulação na qual se estabelecem sistemas reticulares de ligações entre vários países. Nessa medida, entender e explicar os processos de constituição e recomposição dos universos editoriais como deriva-

ção mais ou menos automática de realidades e unidades de sentido suportadas na escala nacional e representar e teorizar essas realidades nacionais do livro como componentes fixas de um sistema de dominação bem definido nos seus fluxos de poder (presumindo a existência indisputada e indisputável de países inerentemente dominados e de países inerentemente do centro referencial) corresponde ou pode corresponder a uma tradição epistemologicamente arriscada de naturalização analítica. Aspirar à explicação de mercados livres e editoriais como o português – ou qualquer outro – implica, no sentido aqui pretendido, inscrever o seu funcionamento como peça de um mecanismo mais amplo, assente em fluxos e trânsitos de contacto, troca, dominação e contra-dominação (Medeiros, 2015). O conhecimento e análise dos universos do livro, da ordem que instauram e da actividade que os forja e torna possíveis não pode abdicar da incorporação da abertura, interpenetração e apropriação como parte essencial do aparato conceptual a mobilizar (Chartier, 1996 e 2001; Deaecto e Abreu, 2014).

A circulação é o ponto nodal do exercício interpretativo. A operacionalização desta circulação ocorre através de diversos pólos geradores de sistemas corporizados por uma multiplicidade de agentes, cuja actividade acontece em contextos específicos. O conjunto heteróclito e complexo de agentes, actividade e contextos ligados entre si e materializando realidades contingentes e dinâmicas produz circuitos em que se digladiam e dialogam a incorporação e a infidelidade, a influência e a resistência, o cruzamento e a particularidade. Decifrar o mundo do livro (da sua concepção e fabrico às sucessivas camadas de atribuição semiótica prescritiva, passando pelo seu enquadramento material, institucional, de práticas e discursos) a partir destes pressupostos é, por exemplo, reconhecer sem dificuldade o papel desempenhado por livreiros e editores de origem estrangeira na edificação e consagração tipográfica de atributos centrais da cultura vista e formulada como autóctone. Assim sucedeu em países como Portugal, em que os percursos do conhecimento, da estética literária e do entretenimento impressos contaram na sua construção com uma forte intervenção de «gentes do livro» providas de países como França (Guedes, 1987; Domingos, 2000; Curto *et al.*, 2007).

O pano de fundo para a circulação da cultura impressa é, evidentemente, assaz diferenciado e feito de desigualdades, sendo suscitado por um conjunto cronológico e estrutural de elementos de singularidade variada nos modos como é composta a cultura impressa em cada contexto. É esta inerente instabilidade que remete para um reforço da vigilância das opções explicativas de jaez universalizante e até uniformizador, patente normalmente em modelos explicativos

com origens académicas particulares e orientados para a exploração de quadros sociais, políticos e económicos do livro muito concretos e aos quais se outorga amiúde um valor de uso correspondente à justaposição automática desses modelos a realidades de características dissemelhantes dos quadros de produção teórica originais. No estudo do livro, esta tendência de importação teórico-conceptual de hermenêuticas consideradas como validadas ou provadas não é obviamente perversa ou empobrecedora em si, desde que seja acompanhada por rigorosos exercícios críticos e pela valorização de tradições analíticas produzidas pelo próprio universo regional ou nacional que é objecto de observação, integrando eventualmente essas tradições num esforço não de eliminação, mas de vigilância sobre modelos explicativos importados (Curto, 2007).

Neste jogo basculante de fluxos entre a projecção de modelos explicativos produzidos num exterior capaz de se instituir como referência propagadora e a possibilidade criativa de os enquadrar criticamente, inclusive com recurso a proposições alternativas fundadas em tradição própria, não será espúrio recordar que o conhecimento e a observação do livro e dos seus protagonistas é um labor recortado por dimensões de poder. E estas dimensões tanto se reportam ao poder expresso na capacidade de produção e comercialização dos livros como ao poder de formular e balizar propostas explicativas e de as impor como pressuposto referencial. A complexidade e a pluralidade fenomenológica da esfera do impresso e dos sistemas sociais de prescrição e mediação que ela faz emergir remetem para uma postura analítica que exige alternativas conceptuais susceptíveis de anular ou mitigar os traços imperativos e restritivos que tendem a associar-se aos modelos teóricos adoptados a partir dos referenciais engendrados nos sistemas académico-científicos mais potentes, frequentemente impondo-se como hegemónicos.

A proposta vertente, tributária de procedimento problematizador e não naturalizador do objecto, toma o jaez questionador como necessidade consciente e não como sortilégio conceptual ou maneirismo académico. O que aqui se postula e se defende não é uma negação dos modelos, mas antes um reconhecimento crítico da sua relevância. Uma proposta que sustente a necessidade de uma via alternativa à da edificação tipológica decorrente de uma realidade hierárquica e de matriz teleológica (assente numa propositura hermenêutica de base evolutiva geradora de ideias como atraso ou avanço) não implica a defesa da eliminação dos princípios de diferenciação entre espaços nacionais e supra-nacionais do livro, princípios esses traduzidos por categorias explicativas como «dependência» ou «autonomia», inestimáveis no estudo e análise dos mercados do livro e da cultura impressa, no momento presente e no pretérito.

Esta última asserção convoca o reconhecimento, à guisa de truísmo, do poder de grande penetração noutros sistemas-livro que certos espaços editoriais e livreiros manifestam – e manifestaram. Mas estes sistemas-livro não devem ser acriticamente cunhados apenas como centros de irradiação pura e desprovidos de qualquer porosidade, como se fossem imunes também eles a processos de apropriação. Ou seja, os países vistos e tomados como países centrais não correspondem nos seus atributos a fontes inexauríveis e de mão única na influência exercida sobre as regiões e países vistos e tomados como periféricos (que numa visão rígida e esquemática adoptariam esses traços por mimetismo mais ou menos linear). O poder maior confere seguramente mais capacidade prescritiva, promovendo ou até impondo tendências, temas e autores. Mas não torna os sistemas-livro definidos como do centro nos detentores exclusivos das faculdades de produção de ideias, correntes, procedimentos, técnicas e títulos (Werner e Zimmermann, 2006; Espagne, 2013). O seu potencial de se alçarem à condição económica e política de eixo cultural, exercendo uma espécie de magistério na ordem internacional do livro, remete mais para o designativo de países panteão, categoria resultante de circunstâncias objectivas e mensuráveis de mercado e de formas subjectivas de conceber esse mercado.

Transfiguração dos sistemas editoriais contemporâneos e dinâmicas contrastantes: da concentração à polarização

O contexto global da actividade de edição, tanto nos espaços nacionais do livro que aqui possuem o cunho qualificativo de países panteão como num número alargado de outros espaços nacionais – e também regionais e evidentemente transnacionais – do livro, tem sido marcado desde meados de 1800 por uma transição cujos efeitos se traduziram numa deslocação da lógica hegemónica, embora não exclusiva, de um mercado da oferta (largamente ancorada em premissas do discurso e da prática como a de uma cultura impressa de natureza qualitativa com base numa intervenção levada a cabo com liberdade pelos actores da produção), para uma lógica diversa, de tendência igualmente hegemónica, mas igualmente não exclusiva, fundada no pressuposto da procura e, por isso, na obediência cada vez maior ao mercado e ao desígnio do filão editorial susceptível de rentabilizar (Piault, 1995: 57-59). Esta lógica, bem instalada num número amplo de editoras, muitas delas configurando selos ou chancelas editoriais inscritas em grupos de edição e de comunicação agregadores, traduz-se no investimento normalmente afunilado e sustentado num número

cada vez mais reduzido de géneros, temas e de autores, pensados e integrados na produção publicada como os que concitam os maiores favores do público e que mais assimilados são à condição de sucessos de venda.

Este contexto é altamente promotor de um produto crescentemente uniformizado, de rotatividade elevada e fortemente escorado por práticas de *marketing* (Spencer, 2017). A obsolescência dos livros publicados nesta lógica tende a ser acentuada, raramente sobrevivendo aos picos da sua reduzida longevidade (Bourdieu, 1977), distinguindo-se, por isso, de outras categorias como as de livro de fundo ou de choque (Escarpit, 1969 e 1970). A senda do *best-seller* torna-se num mantra mil vezes repetido, originando a obstinação do êxito de vendas como prática primordial de um vasto sector da oferta o efeito da redução da diversidade (Best, 1963; Dessauer, 1975; Zaid, 2008), efeito que para analistas como André Schiffrin (2000: 103-128) funciona como «censura de mercado». O surgimento e consolidação de um mercado do livro assente na procura não correspondem, nessa medida, inevitavelmente à orientação do sector editorial para as necessidades efectivas dos consumidores do livro, categoria, aliás, compósita e insusceptível de representar de modo eficaz e universal todos os clientes do livro (sejam leitores ou não).

A dinâmica transmutadora que tem atravessado o campo da edição promoveu e continua a promover – de diferentes maneiras e com intensidades variadas, conforme os sub-sectores editoriais e consoante os seus contextos nacionais e regionais concretos – uma reorganização da fileira produtiva (Luey, 2009) e uma recomposição dos profissionais que criam, fabricam e comercializam o livro, dotando-os de um conjunto de discursos, práticas e perfis claramente distinto do modelo clássico atribuível à ideia do clube de cavalheiros e largamente tributário da edição literária (Ferretti, 2004). Com efeito, o facto da edição de livros se ter transfigurado é uma evidência facilmente constatável, embora as direcções de mudança decorram em termos ainda não totalmente discerníveis, condição ampliada pelas múltiplas alterações e torções num sistema que é permanentemente desafiado por variáveis contextuais de produção, distribuição e consumo pautadas pela inconstância (Banou, 2017).

Há já, todavia, subprodutos deste processo transformador, verificáveis nas práticas e representações de várias denominações profissionais ligadas à edição, avultando os próprios editores como paradigma destas palpáveis consequências. A matriz vocacional do editor – cuja lógica remete intrinsecamente para a índole particular do campo e do mercado da literatura, do conhecimento e das ideias – tem vindo desde há várias décadas a confrontar-se com os desafios trazidos por um quadro de crescente segmentação, diferenciação e especialização

da actividade editorial. E este quadro, materializado num âmbito de expansão, modernização, internacionalização e concentração no sector, tem exercido um efeito de perturbação no que anteriormente fora – ou parecera ser – um universo relativamente reduzido e isomórfico no qual o ofício tradicionalmente superava os limites do estrito cumprimento de funções, abalando os alicerces da que foi por muitos considerada uma «profissão accidental», mais definida por um carácter de vocação do que de profissão, matriz fundada em práticas discursivas de amor à arte e de um *ethos* de abnegação venal. Este abalo nas fundações da edição correspondeu ao que John Tebbel (1987 e 1995) denominou uma quebra da homogeneidade na edição, sentindo-se o seu eco na transformação dos actores do campo enquanto comunidade, incluindo a mudança no papel do editor.

A moldura contextual de movimentações internacionais de concentração editorial e das estratégias dos conglomerados e dos grandes grupos de edição postas em marcha nas décadas mais recentes (Furtado, 2000: 160-168; Vázquez Álvarez, 2015) produz um panorama actual de aquisições e fusões nos universos do livro de países como os Estados Unidos da América (Greco, 1995, 1999 e 2000), França (Piault, 1998; Mollier, 2008), Reino Unido (Thompson, 2010; Finkelstein e McCleery, 2019), Alemanha (Rimm, 2014), Espanha (Nogales, 2001; Vila-Sanjuán, 2003), Itália (Mammoli, 2016), China (Qidong, 2019) ou mesmo Portugal (Beja, 2012: 106-110; Faustino, 2017) e Brasil (Padilha, 2010; Mendes, 2012), que tem sido profuso na demonstração de um cenário do livro em transfiguração, rápida e profunda, exemplificada por uma miríade de compra de empresas grandes, médias e pequenas, frequentemente de cariz familiar e não raro de editoriais centenárias. O comportamento de compra e absorção da concorrência para a formação e consolidação de empresas maiores ou mesmo de embriões concentracionários de conglomerados na fileira da indústria da edição não é, sublinhe-se, de aparição recente. A tradição de aquisição de editoras e fundos editoriais como estratégia de sobrevivência ou de ampliação de escala tem já dois séculos, pelo menos (Mollier, 1988 e 1999). Mas este cenário não se compõe somente de absorções e fusões, com a diluição ou o desaparecimento de editoras que daí advém. O campo da edição é igualmente estruturado pelo surgimento de novas editoras, proposição com especial acuidade no momento presente, no qual se assiste ao movimento em que «casas editoriais mais pequenas despontam e prosperam orientando-se para mercados mais reduzidos.» (Luey, 2009: 54).¹

¹ No original: «smaller houses spring up and prosper by catering to smaller markets».

Neste mundo polarizado (Thompson, 2010) entre o reduzido número de grandes grupos concentracionários (numa escala tendencialmente internacional) e o vasto contingente de pequenas editoras, altamente especializadas e vocacionadas para a actividade de nicho, as empresas de média dimensão – sobretudo aquelas que laboram fora de nichos específicos – confrontam-se com dificuldades crescentes em encontrar e manter o seu lugar. Com efeito, como afirma John Thompson (2010: 174), «[s]er de tamanho médio no campo da edição generalista é, em vários sentidos, ocupar o lugar mais difícil».² A condição de média dimensão tende a produzir em vários mercados do livro um encurralamento para estas casas. Sitiadas devido à incompatibilidade cada vez mais notória entre os seus atributos e as exigências dos sistemas editoriais em mutação, as editoras de médio porte não dispõem dos grandes meios financeiros que as tornem capazes de suportar perdas sucessivas no duro processo de procura de títulos ou colecções que constituam grandes êxitos de venda. Também se vêem impedidas de lograr economias de escala baseadas na capitalização de recursos provindos de diversos sectores e departamentos de um mesmo grupo empresarial, como sucede amiúde com os selos editoriais que integram conglomerados. Talhadas para um registo de *long-seller*, as editoras de média dimensão são compelidas a diversificarem-se tematicamente e a multiplicarem os títulos que dão à estampa, dispersando meios e contraindo dívida no quadro de mercados do livro generalistas, mais voláteis do que aqueles em que operam as editoras de pequeno porte. Este processo está em marcha há já mais do que uma década em determinados espaços nacionais correlatos de grandes mercados do livro e em certos contextos específicos as editoras de dimensão média estarão mesmo a exhibir um padrão claro de diminuição dos seus números (Parinet 2000; Rouet, 2000: 87-88).

Transfiguração dos sistemas editoriais contemporâneos e dinâmicas contrastantes: a edição de pequeno porte

Entender a singularidade de um universo de produção cultural como o da edição de livros é, actualmente, reconhecer e até constatar o caminho que está a ser percorrido em direcção a uma dicotomização do mercado, que se dá a conhecer com particular incidência nos países aqui designados panteão, mas

² No original: «Being medium-sized in the field of trade publishing is in some ways the most difficult place to be».

que não exclui outros espaços nacionais e transnacionais do livro. Esta progressiva, mas segura no seu avanço, bipartição crescente na esfera editorial opera uma divisão do mercado entre, por um lado, as editoras de menor dimensão, que adoptam estratégias de especialização e de hiper-especialização³ e representam uma vultosa quantidade dos títulos saídos como novidade, e, por outro lado, os grandes grupos, cuja matriz de existência se funda na expansão e ultrapassa frequentemente as fronteiras do sector do livro e até do da cultura como campo num sentido mais lato (Benhamou, 1996). Esta paulatina mas firme transfiguração não se traduz, portanto, numa ameaça à pequena editora como categoria e agente actuante no campo, nem transporta um risco de definhamento da oferta editorial para públicos de minoria, mais especializados ou mais marginais. Este atributo tem constituído, aliás, um mecanismo de mitigação do empobrecimento autoral, temático e de géneros no contexto de sistemas tipográficos de tendência concentracionária, significando uma resiliência da relação entre edição de livros e diversidade cultural (Powell, 1980; Moreau e Peltier, 2011).

A hipótese de uma edição transfigurada, de que aqui apenas se lançam pistas exploratórias, corresponde a uma complexificação na chave interpretativa dos efeitos que as transformações no sector editorial tomado como um todo (exercício sempre traiçoeiro) induzem na paisagem cultural do livro e da literatura (Long, 1985-1986). Mas a reconfiguração profunda num sub-sector da edição essencial ao nascimento e desenvolvimento da actividade de editar livros tal como ela tomou forma no decurso dos dois últimos séculos, o das editoras de médio porte, não deixará seguramente de produzir consequências no substrato cultural e nas possibilidades leiturais e de acesso decorrentes da erosão e, no limite, residualização do número de casas de média estatura editorial, como se referiu no ponto anterior.

Embora com dificuldade, o registo vocacional do editor indissociavelmente ligado à essência particular do mercado do livro consegue ainda subsistir num cenário de crescente diferenciação, segmentação e especialização da actividade. Nos seus matizes diversos essa matriz identitária funda-se na predominância de uma dimensão cultural. A crescente dificuldade da sua eficácia efectiva – e não apenas retórica – no plano actual da actividade editorial decorre, entre outros factores, de dois aspectos centrais. Em primeiro lugar, do facto da referência aos anos dourados, à era dos grandes empreendimentos editoriais e ao grande surto literário do passado configurar um sistema de crença que é

³ Tendência já detectada no início dos anos 1980 (Coser *et al.*, 1982).

cada vez mais, por um lado, concebido como lenda e, por outro, sujeito a apropriação contraditória. Esta apropriação contraditória existe para um conjunto de editores do presente como eixo emocional de uma identidade que se obstina na renúncia à motivação extra-cultural e, para outro conjunto de editores, corresponde a um eco pretérito de tempos ultrapassados e referidos sem nostalgia. Em segundo lugar, a dificuldade mencionada decorre do facto do crescimento e da complexificação das editoras, muitas delas progressivamente integradas em estruturas mais vastas (frequentemente nem sequer ligadas de modo exclusivo ou primordial ao livro), corresponder à consolidação de alterações funcionais com consequências na redução do tempo de relacionamento dos editores com os autores e na diminuição ou mesmo na eliminação da sua prática de leitura e apreciação de manuscritos, tarefas que foram paulatinamente confiando a profissionais especializados.

Neste tempo de vincadas transformações no universo da edição de livros (Vassallo, 2016; Hviid *et al.*, 2019), emerge com renovado vigor, dentro e fora do campo, um discurso de defesa da diversidade contra o pressentido ou já sentido domínio da uniformização, com efeitos ao nível do declínio de fórmulas de publicação inovadoras e de géneros editoriais alternativos. O que se denuncia é um sistema estribado num modelo de fuga para a frente, que aspira constantemente ao *best-seller* e que produz, por isso, uma hipertrofia nos títulos que saem dos prelos, exigindo uma resposta que os canais tradicionais de difusão, como a livraria, não conseguem dar. Denuncia-se uma estrutura de mercado de produção que gera uma rotatividade crescente na qual um número reduzido de obras encontra espaço de exposição e apenas por períodos curtos, tratando-se por regra de livros mais vendáveis ou que são objecto de acordos específicos entre editoras e locais de venda, com as cadeias de venda a retalho em lugar muito destacado. Denuncia-se ainda a dinâmica de expansão de locais de venda escorada nas grandes superfícies comerciais e nos hipermercados, expansão que amplifica a tendência descrita, conjugando-se este efeito com a inexorável diminuição do número de livrarias, cada vez mais empurradas para o reduto dos centros urbanos ou para a virtualização da internet. Denuncia-se finalmente o facto do foco mediático de maior divulgação ou de timbre generalista (mas também alguns meios de comunicação mais especializados) incidir preferencial ou até exclusivamente nas obras e nos autores de nome reconhecido e consagrado. Este tende a ser o cenário do qual se nutre a heterogénea narrativa de denúncia e resistência, tantas vezes concretizada no elogio da pequena edição e na exaltação das virtudes da edição de escopo familiar e tradicional, ou vista como tal (Walters, 1985).

A narrativa de resistência tende a apostar na pequena edição como modelo de sobrevivência de um conjunto de atributos da produção de cultura exterior aos ditames venais e despidos de identidade, porque inseridos progressivamente numa lógica de aglomerado. Parte do discurso assim gerado assimila a edição de dimensão reduzida a uma edição de cariz familiar e imbuída de uma conotação artesanal, esquecendo as dinastias por detrás de uma parcela não pequena da edição de grande porte remontando ao século XIX e apagando os efeitos que os avanços tecnológicos mecânicos e digitais na concepção, impressão e fabrico do livro, físico ou virtual, produzem na viabilização de múltiplos projectos de micro-edição (criando até em certos casos as circunstâncias para o aparecimento de certas marginalidades, de outro modo impossíveis ou inviáveis). O discurso assim constituído procede frequentemente de uma análise das profundas transformações sentidas no mundo editorial, cada vez menos restritas aos países panteão, emergindo com protagonismo taxonómico expressões como *mom-and-pop enterprises*, *cottage industry* ou edição marginal, expressões muitas vezes utilizadas com o intuito hermenêutico de transmitir a sensação de que a realidade vivida em certas paisagens do livro desde o final da década de 1970 se ia paulatinamente distanciando de um passado dourado dos decénios de 1920, 1930 e 1940, associado a uma espécie de pureza seminal.

O campo da edição de livros e a natureza do ofício editorial estariam, dessa maneira, a ser maculados no contexto presente pelo avanço compressor e triturador dos grandes conglomerados, capitalista e multinacional. No fenómeno do capitalismo sem fronteiras dos grandes grupos editoriais, a condução dos destinos das casas de edição é progressivamente ocupada por gestores, sem vocação nem *ethos* fundados no carácter específico do livro e da cultura, levando a cabo uma acção governada pelas lógicas massificadas de produção e movida pela obtenção de resultados financeiros no curto prazo. Este processo seria o causador de efeitos dissolventes na própria concepção e definição da figura do editor, protagonista da publicação de livros e do recorte prescritivo da cultura impressa, herdeiro dos tutelares e icónicos «capitães da indústria» do livro oitocentista e dos abnegados e intrépidos aventureiros da edição nas loucas décadas de 1920 e 1930. Mais cedo nos países panteão, embora numa dinâmica irrestrita a estes, o papel do editor tende a ser ultrapassado, quando não atropelado, pelo ímpeto de conquista das multinacionais; muitas delas, não é demais salientar, com génese nas casas editoriais postas de pé pelos mesmos mitificados capitães da indústria do século XIX. Este posicionamento discursivo interpreta correctamente os factos globais de um sector alargado da edição, assentando a sua narrativa numa assimilação ideológica das pequenas editoras

a bastião de liberdade criativa (Bourdieu, 1999), correspondendo a redutos sitiados pela desertificação activamente levada a cabo pelas empresas de maior porte e, sobretudo pelos conglomerados da comunicação. Os actores principais desta resistência seriam os editores da pequena edição, alçados ou alçando-se a legítimos descendentes da figura do editor *engagé*, devotado a um magistério de serviço à cultura e absorvido pela causa do livro como apostolado.

Esta via discursiva elogiosa da edição de pequeno porte criou raízes fundas, possuindo uma componente de concretização observável no próprio ofício. Ou seja, apesar dos seus pressupostos ideológicos, esta visão não é falsa. Com efeito, o campo editorial configurou-se historicamente e na actualidade como espaço vital para a criação e a renovação, patentes na semântica mais contemporânea como «edição de nicho», «edição especializada», «edição marginal» ou o mais lato «edição independente». O espaço da edição define-se, assim, pela sua grande permeabilidade ao aparecimento de novos protagonistas e pela sua grande capacidade de persistir. Nestes traços de novos surgimentos e de persistências corporiza-se o ciclo permanente de nascimento e morte de casas de edição. Nos «interstícios da cultura moderna» florescem formas excêntricas nas «escassas poças de vida que restam», assevera Jason Epstein (1963: 63), numa espécie de apólogo entre o apaixonado e o amargo, ao referir-se ao negócio editorial. As pequenas editoras emergem neste âmbito como metáfora de liberdade, afirmando uma imagem a partir de uma auto-concepção ideal. Esta imagem projectada com base numa concepção auto-gerada ganha sentido pleno no contexto como aquele que se vai aprofundando e expandindo nas últimas décadas, no qual o poder de compressão do comércio financeirizado de âmbito global ameaça censurar, eliminar ou mutilar a literatura (ou parte substancial desta), convergindo neste particular com opções políticas autoritárias, pouco sensíveis à circulação cultural ou interessadas primordialmente na sua supressão. Como resposta, a vocação do editor independente, marginal ou de nicho é publicar o que entende dever ser publicado, a bem do projecto cultural e sem concessões ao mercado e às linhas dominantes ou assim consideradas (Henderson, 1995).

As chancelas de pequena dimensão asseguram, pelas suas características mais definidoras (de que é exemplo um tempo de duração em actividade normalmente não muito longo), um conjunto de funções no seio dos sistemas editoriais. Antes de mais, a sua existência e o seu aparecimento contribuem activamente para a renovação demográfica da indústria do livro, tanto em termos do dinamismo imposto pelo aparecimento de novas empresas quanto pelo rejuvenescimento e substituição dos indivíduos propriamente ditos

dedicados ao ofício (Rouet, 2000: 83-85). Além disso, as editoras de dimensão reduzida funcionam como laboratórios no âmbito da actividade globalmente tomada, desempenhando o papel de autênticos «viveiros de criação» (Benhamou, 1996: 74), actuando como se mandatadas informalmente pelos grandes grupos editoriais, que lhes delegam um número de incumbências que aqueles dificilmente reservam para si: a inovação temática, autoral e de género, bem como a formação e fidelização de mercados específicos. Num exemplo de divisão do trabalho editorial, as editoras de grande dimensão ou os grupos da fileira industrial do entretenimento e comunicação com interesses no livro rapidamente se posicionam para colher os benefícios de consagração autoral e temática encetados pelas editoriais mais pequenas, canibalizando ainda o seu esforço na construção de espaços de mercado novos exercendo o sortilégio da atracção das casas independentes e das reputações respectivas para a sua órbita através da sua aquisição ou seduzindo os autores que aquelas tornaram visíveis.

Os atributos de dinamismo, heterodoxia e pioneirismo não constituem uma reificação na identidade e actividade da edição de pequeno porte, não correspondendo a componentes de intervenção imutáveis e automaticamente decorrentes do tamanho e da escala. O trajecto e os seus efeitos normalizadores contam. Henri-Jean Martin, por exemplo, verifica que o êxito ou a conquista de um lugar mais estável no campo editorial tendem a produzir nos editores um conservadorismo proporcional ao grau em que se encontrem instalados, na medida em que, ao longo do percurso da actividade de uma editora (incluindo um largo número das de dimensão menor), as práticas agressivas e inovadoras que a poderão ter caracterizado nos momentos iniciais da sua existência vão sendo cada vez mais escassas, transformando-se progressivamente os editores e as suas casas num mero reflexo ideológico – mais ou menos distante – de uma acção de liberdade criativa (Martin, 1983: 55), desenvolvendo paulatinamente uma série de práticas pouco coerentes com a ideia de independência face ao *mainstream*. No quadro da pequena edição, talvez as chancelas que se afirmem identitariamente como marginais sejam aquelas que permaneçam mais próximas do tipo ideal de não cedência a princípios convencionais e procedimentos de venalidade identificados com as imposições de uma editora mais estabelecida, postura frequentemente motivada por razões estratégicas de posicionamento no campo e no mercado literário a partir de um discurso de legitimação pela diferença, pela anti-capitulação e pela excentricidade, isto é, pelo distanciamento relativamente às fórmulas de edição e consagração de um *establishment*, de um centro (George, 2013; Cameira, 2018).

Contrariando as profecias mais pessimistas, o peso cada vez maior das grandes empresas de edição e dos departamentos de edição dos gigantes do sector mais global da comunicação e da indústria de entretenimento não parece ter significado – pelo menos quantitativamente e para já – a asfixia e o definhamento do fenómeno das pequenas editoras (Levin, 1997). Empreender actualmente e em contextos de liberdade política uma actividade editorial não é, reconheça-se, um desígnio muito exigente quanto ao esforço financeiro inicial necessário nem quanto ao acesso a tecnologia e infraestrutura de distribuição. Pode começar-se a editar com uma quantidade de capital relativamente modesta, «[n]ão sendo necessário um investimento em equipamento físico para além de mobiliário de escritório» (Lacy, 1963: 44).⁴ Por outro lado, o recurso ao aparato técnico disponível, como a edição digital, o *print-on-demand* ou a contratação de plataformas digitais de divulgação e comercialização (de fácil acesso e com eficácia e amplitude crescentes), aumenta a disponibilidade de uma edição tecnologicamente evoluída, a preços cada vez menos onerosos e com ganhos de custos fixos (Gordon *et al.*, 2008; Carreiro, 2010; Culver, 2010; Maxim e Maxim, 2012; Murray, 2018).

A pequena edição não deixa de se enquadrar num espectro permanente e até muito provável de falência das empresas ou da sua compra e absorção por grupos maiores. Se «o acesso à profissão se encontra actualmente facilitado, as condições de continuidade são, pelo contrário, cada vez mais difíceis de cumprir», recorda Bertrand Legendre (2007: 72). O ritmo de multiplicação do nascimento de projectos novos é simétrico da velocidade com que podem desaparecer. E, todavia, todos os anos aparecem novas editoras, assistindo-se em vários contextos editoriais a um surto de revitalização dos projectos mais diversificados e nos quadrantes mais distintos. Este movimento de infusão de vida nova exerce um efeito transfigurador da edição, evitando até agora o surgimento de um panorama desolador e impedindo a concretização das hipóteses e especulações mais fatalistas. E, portanto, este cenário de relativo sucesso das casas editoriais independentes como fenómeno contrasta obviamente com os diagnósticos catastrofistas e de crise da edição exibidos com bastante frequência nos discursos habituais no interior do campo do livro. Saliente-se que a narrativa assente na ideia de crise como elemento estrutural da actividade de editar constituiu, e em boa medida constitui ainda, um traço saliente de identidade no sector (Medeiros, 2009).

⁴ No original: «No investment in physical equipment is necessary beyond office furniture».

Nota final

Porque as categorias de entendimento recortam e constroem o objecto que analisam, o olhar aqui esboçado remeteu para a necessidade de problematização do conhecimento acerca dos sistemas editoriais contemporâneos e dos mecanismos pelos quais se tende a exercer esse mesmo conhecimento, sugerindo um conjunto de pistas para um olhar crítico sobre os seus fundamentos susceptível de gerar uma análise que ultrapasse as linhas nacionais, frequentes como bitola de observação e de interpretação na epistemologia do olhar sistemático sobre o universo do livro e dos seus processos de produção, circulação e recepção; análise normalmente alimentada por modelos importados relativamente aos quais não existe um posicionamento de indagação crítica. Travejando a proposta aqui avançada nas dinâmicas assacáveis aos fenómenos que têm pautado a morfologia da edição de livros na actualidade e no passado recente num plano internacional, toma-se como eixo analítico neste artigo a ideia de transfiguração. E essa mudança é particularmente visível nas suas consequências, a que são notavelmente permeáveis editores e outros agentes do mundo do livro, nomeadamente aquelas que se verificam quer no seu modo de actuação quer na consciência que formam do seu objecto de trabalho, do seu ofício e da cultura que decorre de ambos. Faltou, é certo, explorar a interposição do elemento digital nos processos aqui brevemente interpelados, factor indutor de densidade, textura e multidimensionalidade nas dinâmicas sujeitas a análise (Gérault e Pierrot, 2001; Furtado, 2006; Darnton, 2009; Cordon García *et al.*, 2011; Kulesz, 2011; Cardoso, 2015; Hjarvard e Helles, 2015; Murray, 2018). Mas a proposta feita, nas suas limitações e estreitezas, buscou sublinhar o jaez poliédrico dos mundos do livro e da cultura impressa, propondo balizas de interrogação para uma problemática dos sistemas editoriais e dos processos de mutação em que têm vindo a incorrer.

Referências bibliográficas

- BANOU, Christina (2017). *Re-Inventing the Book. Challenges from the Past for the Publishing Industry*, Cambridge, Mass. / Kidlington: Chandos Publishing, pp. 133-146.
- BARBIER, Frédéric (2001). La librairie allemande comme modèle? In Michon, Jacques / Mollier, Jean-Yves (eds.). *Les Mutations du Livre et de l'Édition dans le Monde du XVIII^e Siècle à l'An 2000* (pp. 31-45), Saint-Nicolas / Paris: Presses de l'Université Laval / L'Harmattan.

- BEJA, Rui (2012). *A Edição em Portugal (1970-2010): Percursos e Perspectivas*. S.l. [Lisboa]: APEL.
- BENHAMOU, Françoise (1996). *L'Économie de la Culture*. Paris: La Découverte.
- BEST, Marshall (1963). In Books, They Call it Revolution, *Daedalus – Journal of the American Academy of Arts and Sciences*, vol. 92, n.º 1, pp. 30-41.
- BOURDIEU, Pierre (1977). La production de la croyance: contribution à une économie des biens symboliques, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.º 13, pp. 3-43.
- (1999). Une révolution conservatrice dans l'édition, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.º 126-127, pp. 3-28.
- CAMEIRA, Emanuel (2018). *A & etc de Vitor Silva Tavares: Narrativa Histórico-sociológica*. Tese de doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- CARDOSO, Gustavo (ed.) (2015). *O Livro, o Leitor e a Leitura Digital*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CARREIRO, Erin (2010). Electronic Books: How Digital Devices and Supplementary New Technologies Are Changing the Face of the Publishing Industry, *Publishing Research Quarterly*, vol. 26, n.º 4, pp. 219-235.
- CHARTIER, Roger (1996). *Culture Écrite et Société: l'Ordre des Livres XIV-XVIII^e Siècle*. Paris: Albin Michel.
- (2001). *Cultura Escrita, Literatura e História. Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: Artmed.
- CORDÓN GARCÍA, José / Gómez Díaz, Raquel / Alonso Arévalo, Julio (2011). *Gutenberg 2.0. La Revolución de los Libros Electrónicos*. Gijón: Ediciones Trea.
- COSER, Lewis / Kadushin, Charles / Powell, Walter (1982). *Books: The Culture and Commerce of Publishing*. Nova Iorque: Basic Books.
- CULVER, Shannon (2010). *Print Culture in the Digital Era: The Publishing Industry in The 21st Century*. Dissertação de Mestrado. Toronto: Ryerson University / York University.
- CURTO, Diogo Ramada (2007). *Cultura Escrita: Séculos XV a XVIII*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- CURTO, Diogo Ramada / DOMINGOS, Manuela / FIGUEIREDO, Dulce / GONÇALVES, Paula (2007). *As Gentes do Livro. Lisboa, Século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- DARNTON, Robert (2009). *The Case for Books. Past, Present, and Future*. Nova Iorque: PublicAffairs.
- DEAECTO, Marisa Midori / ABREU, Márcia (eds.) (2014). *A Circulação Transatlântica dos Impressos – Conexões*. Campinas: Unicamp / Instituto de Estudos da Linguagem.

- DESSAUER, John (1975). Pity Poor Pascal: Some Sobering Reflections on the American Book Scene, *The Annals of The American Academy of Political and Social Science*, vol. 421, pp. 81-92.
- DOMINGOS, Manuela (2000). *Livreiros de Setecentos*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- EPSTEIN, Jason (1963). A Criticism of Commercial Publishing, *Daedalus – Journal of the American Academy of Arts and Sciences*, vol. 92, n.º 1, pp. 63-67.
- ESCARPIT, Robert (1969). *La Révolution du Livre*, 2.^a ed. Paris: Unesco.
- (1970). Succès et survie littéraires. In Escarpit, Robert (ed.). *Le Littéraire et le Social. Éléments pour une Sociologie de la Littérature* (pp. 129-163). Paris: Flammarion.
- ESPAGNE, Michel (2013). La notion de transfert culturel, *Revue Sciences/Lettres*, n.º 1, pp. 1-9. URL: <http://rsl.revues.org/219>; DOI: 10.4000/rsl.219.
- FAUSTINO, João Paulo (2017). Book Industry Business and Concentration: The Portuguese Case, *China-USA Business Review*, vol. 16, n.º 2, pp. 63-72. URL: <https://www.davidpublisher.org/Public/uploads/Contribute/590c3d48d4ab5.pdf>.
- FERRETTI, Gian Carlo (2004). *Storia dell'Editoria Letteraria in Italia, 1945-2003*. Turim: Einaudi.
- FINKELSTEIN, David / MCCLEERY, Alistair (2019). Publishing. In Nash, Andrew / Squires, Claire / Willison, Ian R. (eds.). *The Book in Britain: The Twentieth Century and Beyond*, vol. 7 de Barnard, John / McKenzie, Donald Francis / McKitterick, David / Willison, Ian. R. (coords.). *The Cambridge History of the Book in Britain* (pp. 146-190). Cambridge: Cambridge University Press.
- FURTADO, José Afonso (2000). *Os Livros e as Leituras: Novas Ecologias da Informação*. Lisboa: Livros e Leituras.
- (2006). *O Papel e o Pixel. Do Impresso ao Digital: Continuidades e Transformações*. Florianópolis: Escritório do Livro.
- GEORGE, João Pedro (2013). *O que É um Escritor Maldito? Estudo de Sociologia da Literatura*. Lisboa: Verbo.
- GÉRAULT, Jean-Pierre / Pierrot, Alain (2001). *Le Monde du Livre en Question. Au Commencement Était la Lettre...* Arles: Actes Sud.
- GORDON, Linda / KUNG, David / DYCK, Harold (2008). Strategic Use of E-Commerce in the Transformation of the Publishing Industry, *Communications of the IIMA*, vol. 8, n.º 4, pp. 65-78.
- GRECO, Albert N. (1995). Mergers and Acquisitions in the U.S. Book Industry, 1960-89. In: Altbach, Philip / Hoshino, Edith (eds.). *International Book Publishing: An Encyclopedia* (pp. 229-242). Nova Iorque / Londres: Garland.

- (1999). The Impact of Horizontal Mergers and Acquisitions on Corporate Concentration in the U.S. Book Publishing Industry: 1989-1994, *Journal of Media Economics*, vol. 12, n.º 3, pp. 165-180.
- (2000). Market Concentration Levels in the U.S. Consumer Book Industry: 1995-1996, *Journal of Cultural Economics*, vol. 24, n.º 4, pp. 321-336.
- GUEDES, Fernando (1987). *O Livro e a Leitura em Portugal. Subsídios para a Sua História: Séculos XVIII e XIX*. Lisboa / São Paulo: Verbo.
- HENDERSON, Bill (1995). The Small Press Today and Yesterday. In Altbach, Philip / Hoshino, Edith (eds.). *International Book Publishing: An Encyclopedia* (pp. 322-331). Nova Iorque / Londres: Garland.
- HJARVARD, Stig / Helles, Rasmus (eds.) (2015). Books and Publishing in a Digital Age, número temático de *Northern Lights: Film and Media Studies Yearbook*, vol. 13, n.º 1.
- HVIID, Morten / Izquierdo-Sanchez, Sofia / Jacques, Sabine (2019). From Publishers to Self-Publishing: Disruptive Effects in the Book Industry, *International Journal of the Economics of Business*, vol. 26, n.º 3, pp. 355-381.
- KULESZ, Octavio (2011). *L'Édition Numérique dans les Pays en Développement*. S.l.: Alliance Internationale des Éditeurs Indépendants. URL: http://alliance-lab.org/etude/wp-content/uploads/edition_numerique.pdf.
- LACY, Dan (1963). The Economics of Publishing, or Adam Smith and Literature, *Daedalus – Journal of the American Academy of Arts and Sciences*, vol. 92, n.º 1, pp. 42-62.
- LEGENDRE, Bertrand (2007). Quel avenir pour les éditeurs de tailles moyenne et petite?. In Mollier, Jean-Yves (ed.). *Où Va le Livre?* [Édition 2007-2008] (pp. 69-90). Paris: La Dispute.
- LEVIN, Martin (1997). The Positive Role of Large Corporations in US Book Publishing». In Graham, Gordon / Abel, Richard (eds.). *The Book in the United States Today* (pp. 225-243). New Brunswick / Londres: Transaction Publishers.
- LONG, Elisabeth (1985-1986). The Cultural Meaning of Concentration in Publishing, *Book Research Quarterly*, vol. 1, n.º 4, pp. 3-27.
- LUEY, Beth (2009). The Organization of the Book Publishing Industry». In Nord, David Paul / Rubin, Joan Shelley / Schudson, Michael (eds.). *The Enduring Book. Print Culture in Postwar America*, vol. 5 de Hall, David (coord.). *A History of the Book in America* (pp. 29-54). Chapel Hill: The University of North Carolina Press.
- MAMMOLI, Matteo (2016). *La Grande Concentrazione. Breve Storia dei Maggiori Gruppi Editoriali Italiani*. Milão: Unicopli.

- MARTIN, Henri-Jean (1983). Publishing Conditions and Strategies in Ancien Régime France. In Carpenter, Kenneth (ed.). *Books and Society in History* (pp. 43-67). Nova Iorque / Londres, R. R. Bowker.
- MAXIM, Andrei / MAXIM, Alexandru (2012). The role of e-books in reshaping the publishing industry, *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, vol. 62, pp. 1046-1050.
- MEDEIROS, Nuno (2009). Cavalheiros, mercadores ou centauros? Traços de actividade e sentido de si dos editores. In AAVV, *Comunidades de Leitura. Cinco Estudos de Sociologia da Cultura* (pp. 23-61). Lisboa: Colibri.
- (2010). O objecto dúctil: a emergência de uma sociologia histórica da edição, *Tempo Social*, vol. 22, n.º 2, pp. 241-261.
- (2015). From Seashore to Seashore: The Cross-Atlantic Agenda of the Publisher António de Sousa Pinto, *Portuguese Studies*, vol. 31, n.º 1, pp. 84-93.
- MENDES, Jaime (2012). Concentração no mercado editorial brasileiro. *Livros, Livrarias e Livresiros* [blogue], 08-06. URL: <http://livroslivrariaselivresiros.blogspot.com/2012/06/concentracao-no-mercado-editorial.html>
- MOLLIER, Jean-Yves (1988). *L'Argent et les Lettres. Histoire du Capitalisme d'Édition*. Paris: Fayard.
- (1999). *Louis Hachette (1800-1864). Le Fondateur d'un Empire*. Paris: Fayard.
- (2008). *Édition, Presse et Pouvoir en France au XXe Siècle*. S.l. [Paris]: Fayard.
- MOREAU, François / PELTIER, Stéphanie (2011). Cultural Diversity in the French Book Publishing Industry (2003-2007), *Culture Études*, vol. 4, n.º 4, pp. 1-16.
- MURRAY, Simone (2018). *The Digital Literary Sphere: Reading, Writing, and Selling Books in the Internet Era*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- NOGALES, José Martín (2001). Literatura y mercado en la España de los 90. In López de Abiada, José / Neuschäfer, Hans-Jörg / López Bernasocchi, Augusta (eds.). *Entre el Ocio y el Negocio: Industria Editorial y Literatura en la España de los 90* (pp. 179-194). Madrid: Verbum.
- PADILHA, Maria Fernanda (2010). *Indústria de Livros no Brasil: Evolução e Concentração no Período de 2000 a 2007*. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- PARINET, Élisabeth (2000). La difficile indépendance des groupes moyens. In Mollier, Jean-Yves (ed.). *Où Va le Livre?* (pp. 63-80), Paris: La Dispute.
- PIAULT, Fabrice (1995). *Le Livre. La Fin d'un Règne*. Paris: Stock.

- (1998). De la 'rationalisation' à l'hyperconcentration. In Fouché, Pascal (ed.). *L'Édition Française Depuis 1945* (pp. 628-639). Paris: Éditions du Cercle de la Librairie.
- POWELL, Walter (1980). Competition Versus Concentration in the Book Trade, *Journal of Communication*, vol. 30, n.º 2, pp. 89-97.
- RIMM, Anna-Maria (2014). Conditions and Survival: Views on the Concentration of Ownership and Vertical Integration in German and Swedish Publishing, *Publishing Research Quarterly*, vol. 30, n.º 1, pp. 77-92.
- ROUET, François (2000). *Le Livre: Mutations d'une Industrie Culturelle*. Paris: La Documentation Française.
- SCHIFFRIN, André (2000). *The Business of Books. How International Conglomerates Took Over Publishing and Changed the Way We Read*. Londres / Nova Iorque: Verso.
- SPENCER, Kerry (2017). Marketing and Sales in the U.S. Young Adult Fiction Market, *New Writing. The International Journal for the Practice and Theory of Creative Writing*, vol. 14, n.º 3, pp. 429-443.
- TEBBEL, John (1987). *Between Covers: The Rise and Transformation of American Book Publishing*. Nova Iorque / Oxford: Oxford University Press.
- (1995). The History of Book Publishing in the United States. In Altbach, Philip / Hoshino, Edith (eds.). *International Book Publishing: An Encyclopedia* (pp. 147-156). Nova Iorque / Londres: Garland.
- THOMPSON, John B. (2010). *Merchants of Culture: The Publishing Business in the Twenty-first Century*. Malden / Cambridge: Polity Press.
- VASSALLO, Nadine (2016). An Industry Perspective: Publishing in the Digital Age. In Ward, Suzanne / Freeman, Robert / Nixon, Judith (eds.). *Academic E-Books: Publishers, Librarians, and Users* (pp. 19-34). West Lafayette: Purdue University Press.
- VÁZQUEZ ÁLVAREZ, Iñaki (2015). La concentración editorial: una aproximación conceptual al fenómeno, *Trama & Texturas*, n.º 28, pp. 43-53.
- VILA-SANJUÁN, Sergio (2003). *Pasando Página. Autores y Editores en la España Democrática*. Barcelona: Ediciones Destino.
- WALTERS, Ray (1985). *Paperback Talk*. Chicago: Academy Chicago Publishers.
- WERNER, Michael / Zimmermann, Bénédicte (2006). Beyond comparison: *Histoire croisée* and the challenge of reflexivity, *History and Theory*, vol. 45, n.º 1, pp. 30-50. URL: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdfdirect/10.1111/j.1468-2303.2006.00347.x>.
- YUN, Qidong (2019). *China's Publishing Industry. From Mao to the Market*. Cambridge, Mass. / Kidlington: Elsevier.

ZAID, Gabriel (2008). *Livros de Mais. Ler e Publicar na Era da Abundância*. Lisboa: Temas e Debates.

TÍTULO: Sistemas editoriais em mutação: alguns tópicos de introdução a uma problemática

RESUMO: A reflexão e o estudo da edição de livros incidem sobre um objecto polimórfico e rugoso, cuja tendência para a mutação se tem intensificado nas últimas décadas, gerando processos de concentração e polarização empresarial que afectam cada vez maior número de sistemas editoriais. As tendências transfiguradoras do sector do livro verificadas com maior intensidade ao longo das últimas décadas remetem para fenómenos e processos de natureza complexa, cujo estudo deve ser governado por uma capacidade de problematização susceptível de operar uma observação e uma interpretação orientadas por uma adopção crítica dos modelos explicativos e por uma escala de análise em que a unidade nacional deve ser crescentemente cruzada com uma perspectiva transnacional. Este artigo recorre à realidade actual da edição de pequeno porte como vector exemplificativo do carácter complexo inerente às dinâmicas contemporâneas do livro.

TITLE: Publishing systems in mutation: a few introductory notes on a problematic stance

ABSTRACT: The reflection and study of book publishing focus on a polymorphic and intricate object, whose tendency to mutate has intensified in the last decades, generating processes of concentration and polarization in the book industry that affect an increasing number of publishing systems. The transforming trends in the book world that have been taking place with greater intensity over the last decades refer to phenomena and processes of a profound complex nature, the study of which must be governed by an ability to question from a problematic stance. This means to be capable of an observation and interpretation guided by a critical adoption of explanatory models and analytical scales in which the national unit must be increasingly interwoven with a transnational perspective. This article draws on the current reality of the small presses as an example of the complex character inherent to the contemporary dynamics of the book.

